



Ministério da Educação
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Centro de Formação Continuada de Professores
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação
Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO DOS ATORES NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Ilda de Souza Oliveira Rodrigues

Professora-orientadora Mestre Juliana Fonseca Duarte
Professora monitora-orientadora Mestre Andréia Melo Lacé

Brasília (DF), maio de 2013

Ilda de Souza Oliveira Rodrigues

**A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO DOS ATORES
NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação da Professora orientadora Mestre Juliana Fonseca Duarte e da Professora monitora-orientadora Mestre Andréia Mello Lacé.

Brasília (DF), maio de 2013

TERMO DE APROVAÇÃO

Ilda de Souza Oliveira Rodrigues

A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO DOS ATORES NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Msc Juliana Fonseca Duarte
(Professora-orientadora)

Msc Lívia Silva Souza – SEEDF
(Examinadora externa)

Brasília, 18 de maio de 2013

Dedico este trabalho primeiramente a Deus em razão suprema da minha existência, a todos os meus familiares, amigos e colegas que de forma decisiva colaboraram na minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram e me incentivaram na elaboração deste trabalho. Assim em especial agradeço:

Aos mestres pelos conhecimentos adquiridos;

À professora orientadora ANDRÉIA MELLO LACÉ pelas valiosas dicas, orientações, correções, apreço, sobretudo pela paciência nessa nossa caminhada rumo ao êxito desse trabalho de final de curso.

Ao meu esposo e minhas filhas pelos incentivos e compreensão;

Ao meu amigo Edilman Pires de Oliveira pelo apoio.

Quando você quer alguma coisa, todo o universo conspira para que você realize o seu desejo.

Paulo Coelho (2009)

RESUMO

Nota-se que há uma grande preocupação dos educadores a respeito da falta de interesse dos alunos pelas atividades propostas. A presente pesquisa tem como objetivo discutir as percepções dos atores sociais do cenário, o Centro de Ensino Fundamental Jardim II do Paranoá, sobre a importância da motivação e a influência desse fator nas relações afetivas e no ambiente de aprendizagem. A motivação está relacionada aos fatores internos e externos aos quais os sujeitos estão expostos. A fundamentação teórica utilizada nessa pesquisa foi baseada na Teoria da Autodeterminação. Boruchovitch e Guimarães (2004) defendem três necessidades básicas inatas: necessidade de autonomia, necessidade de competência e necessidade de pertencer ou estabelecer vínculos. A satisfação dessas necessidades é primordial para o desenvolvimento psicológico e intelectual dos atores sociais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. As interações no ambiente escolar precisam ser fonte de satisfação para que a motivação extrínseca ocorra. A abordagem metodológica utilizada foi a quali-quantitativa, e por meio deste caminho a pesquisa indicou que, apesar de todos os olhares estarem voltados para o desenvolvimento integral dos alunos, os educadores ainda se esbarram em fatores que contribuem para a desmotivação dos estudantes. O mais gritante deles é a dificuldade em manter um alto grau de motivação em determinadas situações, principalmente no que diz respeito às atividades realizadas fora dos espaços escolares. Os elementos motivacionais são identificados pelos docentes e há consenso entre eles sobre a importância da reflexão acerca do redimensionamento de suas práticas para que se possa conseguir uma aprendizagem de qualidade.

Palavras-chave: Atores sociais; Necessidades; Teoria da Autodeterminação e Motivação.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Percebe que existe uma preocupação dos docentes em manter os alunos motivados a aprender e participar das aulas	27
Gráfico 02 – Na escola em que você atua os momentos e espaços para reflexão, autoavaliação e promoção de debates como forma de avaliar as relações de ensino e interação dos estudantes acontecem e com qual frequência	31
Gráfico 03 – A forma como a aula é abordada, o professor e o lugar em que você se senta podem influenciar na sua aprendizagem	32
Gráfico 04 – Recebe estímulo do professor para que se sinta motivado a aprender	33
Gráfico 05 – Sente-se motivado para participar das atividades propostas em sala de aula	34
Gráfico 06 – Participa ativamente das atividades destinadas às tarefas extraclasse	34
Gráfico 07 – Em casa, você tem horário dedicado aos estudos	35
Gráfico 08 – Os professores estimulam a pesquisa e a busca por respostas aos desafios e às atividades apresentadas em sala de aula	36
Gráfico 09 – Já sentiu desmotivado para participar das aulas e aprender	37
Gráfico 10 – Como você avalia sua participação nas aulas	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 REFERENCIAL TEÓRICO	11
1.1 Norte da Pesquisa	11
1.2 A Teoria da autodeterminação e a motivação intrínseca e extrínseca	12
1.3 A Importância da motivação no ambiente escolar 4 Estrutura	14
1.4 Como a afetividade pode influenciar no processo de ensino-aprendizagem	16
2 METODOLOGIA	20
2.1 População e amostra	21
2.2 Os atores sociais	22
2.3 Procedimentos da pesquisa	23
3 ANÁLISE DOS DADOS	25
3.1 Coleta dos dados	25
3.2 Entrevista com os gestores	27
3.3 Entrevista com os professores	28
3.4 Questionário aplicado aos alunos	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A – ENTREVISTA/GESTORES	44
APÊNDICE B – ENTREVISTA/PROFESSORES	46
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO/ ALUNOS	48

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como proposta trazer para a discussão a problemática que envolve alguns alunos inseridos em turmas dos anos finais ensino fundamental, ou seja, a desmotivação, que pode ser identificada tanto na falta de motivação para aprender quanto em participar das aulas.

O envolvimento de todos os atores sociais como sujeitos da pesquisa deve-se ao fato de que fatores internos e externos influenciam diretamente na motivação do sujeito, e, ainda, para que o aluno aprenda é necessário que ele perceba essa motivação, também, no professor, assim como a valorização e o incentivo por parte dos pais e/ou responsáveis.

Muito se discute nas reuniões pedagógicas acerca da motivação dos educandos, ao que se conclui que sem estímulo o aluno não consegue aprender. Esse estímulo pode ser transmitido ao aluno de diversas formas e uma delas está na própria motivação que o professor tem para ensinar. Portanto, cabe aqui destacar que somente o educador motivado pode criar um ambiente propício à aquisição da aprendizagem.

A partir da problemática, buscou-se identificar a realidade do ambiente de aprendizagem dos alunos dos anos finais do ensino fundamental, tendo como cenário da pesquisa o Centro de Ensino Fundamental Jardim II do Paranoá, quais os elementos que influenciam e contribuem para que os alunos estejam desmotivados para aprender e/ou participar das aulas. O problema foi identificado pela falta de interesse desses alunos em participar tanto das atividades propostas na sala de aula quanto daquelas que deveriam ser realizadas em casa, o que causou uma profunda inquietação, tanto no grupo de docentes quanto na equipe gestora, sendo um dos motivos pelos quais foi escolhido o tema da pesquisa em questão.

Os objetivos foram traçados baseando na percepção da afetividade dos atores sociais, a fim de identificar elementos que contribuem para a motivação/desmotivação destes; indagar como as relações se estabelecem entre os atores sociais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem; relacionar fatores internos e externos à escola e ao sujeito, causadores da desmotivação/desmotivação; reconhecer qual é a maior dificuldade dos professores que atuam nos anos finais do Centro de Ensino Fundamental Jardim II do Paranoá, no que diz respeito à motivação de seus alunos. Para alcançar esses objetivos, foram delimitados como uma das ações norteadoras da pesquisa o envolvimento de gestores, professores e alunos do 6º ao 9º ano. A pesquisa de campo veio contribuir na proposta de relação entre teoria e prática, estabelecendo parâmetros entre os autores que contribuíram subsidiando a revisão da

literatura, cujo foco esteve voltado, dentre outros aspectos, para as pesquisas sobre a Teoria da Autodeterminação e a motivação intrínseca e extrínseca.

Os atores sociais que influenciam de forma positiva na aprendizagem da criança são em primeiro lugar a família e, posteriormente, os professores, pois de certa forma são os principais agentes incentivadores para que o aluno seja estimulado a aprender, a vivenciar e a experimentar novas aprendizagens e interações sociais.

Podemos afirmar que a motivação deve fazer parte do cotidiano dos alunos, não se limitando somente ao cenário escolar, mas a ir além, pois caso contrário não se conseguirá alcançar rendimentos satisfatórios, deixando aí uma brecha para o fracasso escolar. A opção pelo tema deste trabalho se deve ao fato de que quanto mais motivados, maiores serão as chances de resultados bem sucedidos. Estudiosos da Teoria da Autodeterminação defendem a ideia de que o sujeito, para estar intrinsecamente motivado, precisa se sentir competente e autodeterminado; despertar e manter esse sentimento nos alunos não é tarefa muito fácil.

Assim, percebe-se a importância da afetividade e da parceria entre alunos e professores para que o aluno sinta motivado e valorizado. As influências positivas das interações constituem um importante objeto de ação e troca, reforçado pela interação entre ambos.

Partindo da concepção de que pensadores e estudiosos defendem acerca da criança e de seu desenvolvimento cognitivo e sócio-afetivo, este estudo tem como proposta indagar sobre a forma como os professores dos anos finais do ensino fundamental percebem e valorizam as relações afetivas, e como elas se estabelecem entre os atores sociais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. A questão da pesquisa foi definida tendo como base a falta de interesse e motivação de alguns alunos que cursam os anos finais do ensino fundamental, que de certa forma tem repercutido de forma negativa na aprendizagem e no comportamento dos estudantes dessa modalidade de ensino.

Os resultados da pesquisa foram distribuídos em duas vertentes: uma esteve voltada para a motivação dos alunos e a outra ao quanto essa motivação do aluno está relacionada a fatores externos, tais como ambiente de aprendizagem, sendo que neste está inserida a própria motivação que o professor deixa externar na relação entre professor e aluno e professor e ambiente de aprendizagem.

A coleta de dados, a análise e a discussão têm como proposta trazer para a discussão os resultados da pesquisa, envolvendo os atores sociais e a percepção deles sobre a motivação nos diferentes segmentos analisados.

1 REFERÊNCIAL TEÓRICO

1.1 Norte da pesquisa

Foram visitados renomados sites científicos com o objetivo de buscar artigos que desse um embasamento teórico sobre os descritores a serem investigados ao longo da pesquisa em foco; encontrou-se uma grande variedade de artigos, sendo que a maioria deles foi descartada por não apresentar fundamentação teórica e contribuição para o avanço da pesquisa. Somente aqueles que atendiam aos objetivos dos descritores e que de certa forma forneciam respostas aos anseios da pesquisadora foram analisados e fizeram parte do referencial teórico por contribuir de maneira significativa na construção deste trabalho.

Das fontes pesquisadas, alguns sites foram priorizados devido ao fornecimento de uma fundamentação teórica mais precisa, e entre eles pode-se destacar a Revista Eletrônica Scientific Electronic Library (SciELO), a página virtual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (ANPED).

Os artigos pesquisados foram publicados pelo Grupo de Trabalho 20 (GT 20), referente à Psicologia da Educação, e se encontram disponíveis no banco de dados das reuniões anuais da associação, mais especificamente na trigésima quinta reunião, e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) que, mesmo não sendo citado no trabalho, tornou-se um dos fatores determinantes para a construção de conceitos durante a sua elaboração.

Ao realizar o trabalho de conclusão de curso, pretende-se estudar com mais afinco autores contemporâneos que estudam ou defendem a Teoria da Autodeterminação como Preto (2009), Guimarães e Boruchovitch (2004), Bzuneck (2001), entre outros.

A motivação dos atores inseridos no processo de ensino aprendizagem é fator de extrema importância para que se tenha êxito nesse processo. Para Preto (2009), o conhecimento dos determinantes da motivação escolar pode auxiliar os professores a dar um maior subsídio aos seus alunos para que estes consigam um melhor desempenho na realização das atividades escolares.

A autora nos salienta que

Considerando especificamente o contexto de sala de aula, devemos perceber suas peculiaridades, uma vez que a motivação no ambiente escolar se diferencia de outras, como o esporte, o lazer e até mesmo o trabalho. A escola geralmente não é um ambiente atrativo, isso porque as possibilidades

de escolhas são mínimas. Nela, o esforço cognitivo, incluindo atenção e concentração, é fundamental (PRETO, 2009, p.7).

Parafraseando a autora, podemos ressaltar que muitas vezes a sala de aula é vista de forma homogênea onde as diferenças não são respeitadas e todos os alunos são tratados de maneira uniforme, sem levar em consideração as necessidades individuais. Outro ponto que merece ser destacado são as práticas pedagógicas ultrapassadas e arraigadas ao tradicionalismo, que nada contribuem para a motivação; pelo contrário, só levam à desmotivação dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Manter os alunos interessados pelas atividades propostas tanto em sala de aula quanto às que são realizadas em casa, as chamadas extraclases, tem sido um desafio muito grande dos professores contemporâneos, principalmente daqueles que atuam nas séries finais do ensino fundamental.

1.2 A teoria da autodeterminação e a motivação intrínseca e extrínseca

Preto nos coloca que

a ideia de autodeterminação ou autonomia faz com que a pessoa que realiza uma atividade por vontade própria, sem que esta seja obrigada por fator externo, realize-se ao perceber que ela mesma gerou uma mudança esperada, fazendo com que o conhecimento utilizado para comandar estas ações seja atendido (PRETO, 2009, p.12).

Trocando em miúdos com a autora, quando o aluno se encontra autodeterminado e autônomo é capaz de executar tarefas por livre e espontânea vontade, sem necessariamente haver a interferência de fatores externos; ele se encontra motivado e, conseqüentemente, predisposto à aquisição da aprendizagem. A figura do professor é de fundamental importância no que diz respeito à melhoria no desempenho dos estudantes. Portanto, cabe a ele a função de despertar nos seus alunos o sentimento de confiança e determinação.

Uma boa motivação não garante desempenho elevado; para medir diretamente a motivação, é preciso dispor de instrumentos de autorelato. Observações do comportamento são medidas indiretas, e medir o desempenho não é medir a motivação; através do controle comportamental não se motiva os alunos (PRETO, 2009).

Segundo Guimarães e Boruchovitch,

A motivação no contexto escolar tem sido avaliada como um determinante crítico do nível e da qualidade da aprendizagem e do desempenho. Um estudante motivado mostra-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, engajando-se e persistindo em tarefas desafiadoras, despendendo esforços, usando estratégias adequadas, buscando desenvolver novas habilidades de compreensão e de domínio. Apresenta entusiasmo na execução das tarefas e orgulho acerca dos resultados de seus desempenhos, podendo superar previsões baseadas em suas habilidades ou conhecimentos prévios (GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004, p. 143).

Segundo as autoras acima, a motivação está relacionada à qualidade da aprendizagem e do desempenho do aluno, sendo que essas tarefas estão associadas ao papel do professor e como ele pode auxiliar o aluno a manter-se motivado em sala de aula.

Segundo Preto (2009) a motivação intrínseca entende-se como aquela que vem de dentro da pessoa, como parte da sua personalidade. Enquanto a extrínseca pode ser despertada pelo ambiente ou pelas interações que são feitas pelo sujeito.

Para Guimarães e Boruchovitch, a base inicial para a Teoria da Autodeterminação é:

concepção do ser humano como organismo ativo, dirigido para o crescimento, desenvolvimento integrado do sentido do self e para integração com as estruturas sociais. Nesse empenho evolutivo estaria incluída a busca de experiências com atividades interessantes para alcançar os objetivos de: a) desenvolver habilidades e exercitar capacidades; b) buscar e obter vínculos sociais; e c) obter um sentido unificado do self por meio da integração das experiências intrapsíquicas e interpessoais (GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004, p. 144).

Ainda para ampliar a compreensão da Teoria da Determinação, como ela funciona e as influências que ela traz para o comportamento humano, pode-se citar

três necessidades psicológicas inatas, subjacentes à motivação intrínseca, são propostas pela Teoria da Autodeterminação: a necessidade de autonomia, a necessidade de competência e a necessidade de pertencer ou de estabelecer vínculos. A satisfação das três é considerada essencial para um ótimo desenvolvimento e saúde psicológica. Em situações de aprendizagem escolar, as interações em sala de aula e na escola como um todo precisam ser fonte de satisfação dessas três necessidades psicológicas básicas para que a motivação intrínseca e as formas autodeterminadas de motivação extrínseca possam ocorrer (GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004, p. 145).

Para essas autoras é preciso estar atento, pois nesse sentido, a figura do professor tem um papel essencial na promoção da harmonia no clima de sala de aula que favoreça não só desenvolvimento dessas orientações motivacionais, mas, também, possibilitar ao educando um crescimento como um todo, valorizando suas potencialidades.

1.3 A importância da motivação no ambiente escolar

Pesquisas mostram que as crianças estão chegando às escolas cada vez mais desmotivadas com os estudos, o que gera a repetência e muitas vezes a evasão escolar. Segundo Zenti (2000 apud KNUPPE, 2006), são muitos os problemas causados pela desmotivação, no entanto acredita-se que não exista uma receita mágica para fazer as aulas serem o foco de atenção das crianças. Porém, ele afirma que o professor com sensibilidade e energia talvez consiga enfrentar o desafio.

A motivação tornou-se um problema de ponta em educação, pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem (BZUNECK, 2001, p. 13).

Segundo Bzuneck (2001, p.14), “alunos desmotivados estudam pouco ou quase nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco”. Podemos perceber que a motivação está diretamente ligada à aprendizagem dos alunos, que, por sua vez, determina a formação e realização desses alunos. A afetividade é um dos fatores que mais interferem na motivação para a criança aprender. A criança precisa ser ouvida, valorizada nas suas ações e incentivada a ser independente, pois é nessa fase que se dá a construção de sua identidade e autonomia.

Ryan e Deci (2000a, 2000b) reconhecem que o conceito de autonomia não tem recebido ampla aceitação pelos teóricos da área, mesmo estando apoiados em resultados de diversos estudos empíricos. Enquanto a necessidade de competência e de pertencer ou estabelecer vínculos são objetos de investigação de diversos autores, em várias linhas teóricas da psicologia, a Teoria da Autodeterminação está praticamente sozinha na exploração do constructo de necessidade básica de autonomia (GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004, p. 145).

Guimarães e Boruchovitch (2004) ainda complementam sobre a Teoria da Autodeterminação:

A Teoria da Autodeterminação afirma que os eventos sócios contextuais que fortalecem a percepção de competência no decorrer de uma ação, por exemplo o feedback positivo em situações de desafio de nível ótimo, aumentam a ocorrência da motivação intrínseca. No entanto, somente o sentimento de competência não é suficiente para promover um aumento da motivação intrínseca. É necessário que seja acompanhado por uma percepção de autonomia, ou seja, a situação não deve sufocar o senso de liberdade individual, como também a pessoa precisa se sentir responsável pelo desempenho competente. Desse modo, parece que as circunstâncias que

promovem a percepção de autonomia e de competência, denominadas informativas, são promotoras da motivação intrínseca (GUIMARÃES e BORUCHOVITCH, 2004, p. 146).

Embora a Teoria da Autodeterminação seja considerada uma abordagem recente, ela já vem sendo estudada, tanto é que já vem apoiada em resultados de inúmeros trabalhos empíricos, porém apresentando muitos aspectos a serem descobertos e aprofundados. No Brasil, ou seja, especificamente para a realidade educacional brasileira, onde pesquisas nessa área não tem sido a prioridade dos pesquisadores, pois o interesse pelo tema motivação ainda é relativamente pequeno em nossa literatura (GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004).

Preto (2009) chegou a concluir que considerar o conhecimento teórico sobre o tema é de extrema importância para a formação do pedagogo. Conhecendo as variáveis motivacionais e as necessidades psicológicas básicas, propostas pela Teoria da Autodeterminação, professores e pedagogos poderão intervir na escola e em sala de aula positivamente, buscando por ambiente que favoreça a motivação como gerador de satisfação para alunos e profissionais que atuam na educação.

Segundo os estudos de Guimarães e Boruchovitch (2004), a motivação intrínseca resulta em um envolvimento do aluno com as atividades escolares sem a influência de qualquer fator externo, sejam recompensas, pressões, ameaças ou outros. A atividade é, desse modo, valorizada por si mesma, o que inclui um componente afetivo, frequentemente identificado como interesse.

Schutz (2003), diz que a motivação, além de poder ser ativada por fatores internos e externos, pode ser classificada em direta e indireta. Motivação direta seria aquela que nos impulsiona diretamente ao objeto que satisfaz a uma necessidade nossa. Motivação indireta ou instrumental é aquela que nos impulsiona em direção a um objetivo intermediário.

Ruiz (2004) diferencia o conceito de motivação para aprender os conceitos de motivação intrínseca e extrínseca

a diferença entre *motivação para aprender* e a *motivação extrínseca* está, essencialmente, relacionada à distinção que deve ser feita entre *aprendizagem* e *desempenho*: enquanto a *aprendizagem* se refere ao processamento da informação, à busca de significado, compreensão e domínio que ocorrem quando se adquirem novos conhecimentos (ou habilidades), o *desempenho* é a demonstração do conhecimento ou habilidade depois que já fora mal adquiridos. Por esta razão, Brophy pondera que estimular a motivação para aprender significa agir sobre ambos – aprendizagem e desempenho. Quanto à diferença *entre motivação para aprender* e *motivação intrínseca*, o autor em questão considera que esta se relaciona com a distinção necessária entre *envolvimento afetivo* e

envolvimento cognitivo do aluno nas tarefas acadêmicas: enquanto a motivação intrínseca privilegia seu envolvimento afetivo nestas atividades, a motivação para aprender deve conduzi-lo para, além disso, ou seja, ao seu envolvimento cognitivo com as tarefas de aprendizagem, por meio de esforços que o levem a tornar as novas informações significativas para poder relacioná-las com conhecimentos e habilidades anteriores (RUIZ, 2004, p. 15).

A motivação intrínseca do aluno não resulta de treino ou de instrução, mas pode ser influenciada principalmente pelas ações do professor. Embora não se desconsiderem as crenças, conhecimentos, expectativas e hábitos que os estudantes trazem para a escola a respeito da aprendizagem e da motivação, o contexto instrucional imediato, ou seja, a sala de aula torna-se fonte de influência para o seu nível de desenvolvimento (SALMON; MACGYVERS, 2001 apud GUIMARÃES, 2004).

1.4 Como a afetividade pode influenciar no processo de ensino aprendizagem

É importante também comentar sobre os vínculos afetivos vivenciados pela criança, pois potencializam o sucesso na construção dos conhecimentos, o que deve despertar nos pais e professores o interesse como formas de prevenção das dificuldades na aprendizagem, apostando na construção de relações afetuosas e mais humanas, uma vez que os aspectos afetivos servem de energia para as atividades cognitivas.

Assim, observa-se que as crianças aprendem a partir de suas possibilidades individuais, de seus conhecimentos e da dimensão afetiva em que estão inseridas. É necessário reconsiderar a dificuldade de aprendizagem, já que esta pode, em muitos casos, ser entendida como um sinal das relações que envolvem a criança que apresenta dificuldades de aprendizagem. As relações com o meio familiar e social são fatores responsáveis pela falta de motivação. Essas dificuldades em aprender podem estar relacionadas, também, à carência de afeto que, conseqüentemente, é um dos fatores determinantes da baixa autoestima e da desmotivação, fatores que dificultam a aquisição da aprendizagem.

Guimarães e Boruchovitch (2004) afirmam que o estilo motivacional do professor é considerado, portanto, uma característica vinculada à personalidade, mas é vulnerável a fatores sócio-contextuais como, por exemplo, o número de alunos em sala de aula, o tempo de experiência no magistério, o gênero, a idade, as interações com a direção da escola, as concepções ideológicas, entre outros. Além disso, a interação dos professores com seus alunos extrapolam as disposições pessoais por englobar a sua percepção acerca do envolvimento dos

estudantes, das pressões sofridas no decorrer do ano letivo, provenientes das relações com a comunidade, como pais e diretores, e o tipo de avaliação do trabalho utilizado pela escola.

Para Preto (2009), no contexto educativo o estilo motivacional do professor, que está vinculado à sua personalidade, afeta diretamente a regulação da autonomia do aluno. Em ambientes controladores, com professores autoritários, há um prejuízo das tarefas que regularizam ou prejudicam a percepção de autodeterminação por parte dos alunos. Já em ambientes em que os professores estimulam a autonomia do aluno, fazendo com que sejam espaços informativos, nos quais o professor se preocupa também com os sentimentos destes alunos, oferecendo oportunidades de escolha e feedback, os estudantes internalizam a regulação para realizar as atividades, o que favorece a autonomia e estes passam a valorizar a educação.

Segundo Guimarães (2005 apud PRETO, 2009), sob a perspectiva da Teoria da Autodeterminação, o ambiente pode tanto motivar quanto desmotivar o aluno. As salas de aulas são ambientes que podem ser explorados de maneiras diversas a favor do conhecimento, as formas de como as mesas estão dispostas pelas salas, os materiais didáticos, as experiências ali vividas pelas crianças e educadores; as salas passam a ser assim um palco para a apresentação das obras criadas pelas crianças, um campo de saber a ser explorado.

A escola deve estar bem preparada juntamente com os educadores para proporcionar às crianças o apoio essencial na construção de sua autonomia e de seu desenvolvimento, principalmente dentro da educação pré-escolar, construindo, desse modo, bases seguras para que a criança se desenvolva e se torne um adulto de boa índole. E, dessa forma, agregue valores ao seu caráter, preparando-se para enfrentar os desafios da vida adulta e ter êxito no seu caminho estudantil.

Guimarães (2004), em seus estudos, chegou à seguinte conclusão sobre a motivação e a Teoria da Autodeterminação:

Não há dúvida de que o estilo motivacional do professor configura-se em uma importante fonte de influência para o desempenho, emoções e motivação dos alunos em relação à escola. Pesquisas têm demonstrado ser este um fator relativamente estável durante o ano letivo. Em suma, o estilo motivacional do professor é importante fonte de influência para a orientação motivacional dos estudantes, refletindo no seu desempenho escolar e, por isso, merece interesse e atenção por parte dos pesquisadores (GUIMARÃES, 2004, p. 148).

De acordo com a autora acima, se o professor estiver motivado, fará com que o aluno também se sinta motivado. A influência que o professor tem sobre o aluno é essencial e deve

configurar a favor do processo de ensino e aprendizagem. O educador deve estar consciente que ele é uma ponte entre o conhecimento e o aluno, sendo um mediador do conhecimento e, portanto, deve estar sempre procurando buscar um melhor aperfeiçoamento e a uma maior capacitação da sua prática, de forma a contribuir na vida intelectual do aluno.

Segundo Torres (1999, p. 9 apud KNUPPE, 2006), "a motivação escolar é algo complexo, processual e contextual, mas alguma coisa se pode fazer para que os alunos recuperem ou mantenham seu interesse em aprender".

Se na educação infantil e nos anos iniciais a criança não tiver uma boa base, se o conhecimento não for construído de forma significativa para o aluno, corre-se o risco de, ao chegar aos anos finais do ensino fundamental, o aluno esteja completamente desinteressado pelas atividades propostas em sala de aula. Com isso, as crianças que estão inseridas nos anos finais ensino fundamental estão tornando-se cada vez mais em adolescentes com um alto índice de insegurança, com vergonha de expor suas ideias, com baixa autoestima, problema de relacionamento, além de outros problemas que nem sempre são aparentes, que irão repercutir diretamente no seu desenvolvimento.

Uma das causas pode estar relacionada à forma como a educação de hoje tornou-se fria, sem tempero emocional: as crianças não sabem reconhecer seus limites ou se colocarem no lugar do outro. Precisamos dar limites a essas crianças, sem esquecer o lado afetivo, mostrando-lhes que todos têm direitos e deveres que precisam ser respeitados.

Segundo Preto,

Diferentes padrões motivacionais são decorrentes da interação entre as necessidades psicológicas e o ambiente: desmotivação (ausência de intenção, desvalorização da atividade e percepção de falta de controle pessoal), motivação extrínseca (realização da atividade como uma obrigação ou como um meio para obter algo externo) e a motivação intrínseca (interesse, satisfação, prazer, inerentes à atividade) (GUIMARÃES, 2005 apud PRETO, 2009, p. 12).

Assim, a ideia de autodeterminação ou autonomia faz com que a pessoa que realiza uma atividade por vontade própria, sem ser obrigada por um agente externo, realize-se ao perceber que ela mesma gerou uma mudança esperada, fazendo com que o conhecimento utilizado para comandar estas ações seja aprendido. Então, quando o professor é capaz de despertar este sentimento de autonomia em seus alunos, ele conseguirá obter melhores resultados no processo ensino e aprendizagem (PRETO, 2009).

Ao analisarmos o verdadeiro papel que tem a escola e o que realmente ela oferece, nos deparamos com grandes lacunas em relação à aprendizagem real e como ela deveria ocorrer. Se a escola e os profissionais não estiverem realmente preparados para oferecer atividades que possam colaborar para o desenvolvimento dos alunos, dificilmente eles conseguirão desenvolver seu potencial dentro da escola. Por outro lado, se a família não estiver atenta em cumprir o seu papel, estará contribuindo para o aparecimento de problemas relacionados à baixa estima e confiança, podendo até causar a desmotivação e, conseqüentemente, contribuindo com o alto índice de repetência e evasão.

Cabe à escola juntamente com a família acreditar que a educação caminha junto com a afetividade e a motivação, fortalecendo os vínculos afetivos. Quando o professor deixa de ser um mero transmissor de conhecimento e passa a fazer parte da vida do aluno, facilitando o seu desenvolvimento e criando uma cumplicidade na busca do conhecimento, cria-se um ambiente onde o aluno se sente mais seguro e confiante para realizar as atividades propostas com bastante empenho rumo à superação de obstáculos.

2 METODOLOGIA

As pesquisas podem ser divididas segundo dois critérios básicos: quanto aos fins e quanto aos meios.

Quanto aos fins, optou-se pela pesquisa descritiva. Segundo Vergara (2005, p.47), “a pesquisa descritiva expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também esclarecer correlações entre variáveis e definir sua natureza”.

são inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados, tais como questionário e observação sistemática (GIL, 2002, p. 42).

Quanto aos meios, foi realizada a pesquisa de campo, que, segundo Gil (2002), procura o aprofundamento das questões propostas nos objetivos traçados no início do trabalho, integrando as técnicas de observação. A abordagem é qualitativa, onde a observação se faz fator importante, pois o ambiente torna-se fonte direta de dados (GIL, 2002).

Durante o desenvolvimento da pesquisa foi dado maior ênfase à abordagem qualitativa por proporcionar maior adequação ao tipo de pesquisa escolhida pela pesquisadora, uma vez que se trata da pesquisa de campo, descritiva e exploratória, sem necessariamente descartar as demais. “Os tipos de pesquisa não são estanques. Uma mesma pesquisa pode estar ao mesmo tempo enquadrada em várias classificações, desde que obedeça aos requisitos inerentes a cada tipo” (GIL, 1991 apud SILVA; MENEZES, 2005). Segundo as autoras,

A Pesquisa Exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, análises de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, formas de Pesquisa Bibliográficas e Estudo de Caso.

E, sobre a pesquisa descritiva Silva e Menezes acrescentam:

Pesquisa Descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coletas de dados: questionário e observação padronizada. Assume, em geral, a forma de Levantamento (GIL, 1991 apud SILVA; MENEZES, 2005, p.21).

Cavalcante e Dantas definem abordagem qualitativa em:

A Qualitativa tem caráter exploratório, isto é, estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Mostra aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, mesmo conscientes, de maneira espontânea. É utilizada quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão abrindo espaço para a interpretação. É uma pesquisa indutiva, isto é, o pesquisador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, ao invés coletar dados para comprovar teorias, hipóteses e modelos pré-concebidos (CAVALCANTE; DANTAS, 2006, p.02).

O embasamento teórico e a adequação aos objetivos existentes no problema de pesquisa foram elementos fundamentais para a escolha da abordagem e do tipo de pesquisa a ser utilizado.

De acordo com Dantas e Cavalcante (2006), quando há abordagens quantitativa e qualitativa em um mesmo trabalho, uma não substitui a outra, mas antes se completam, o que justifica a opção por utilizar as abordagens de forma adequada para que seja possível ir mais além do que os resultados quantitativos.

A abordagem quantitativa é mais indicada quando se utilizam instrumentos estruturados (questionários) e quando envolve um número significativo de participantes, pois seus resultados são mais concretos e menos passíveis de erros de interpretação.

2.1 População e amostra

O universo da pesquisa foi o Centro de Ensino Fundamental Jardim II, cuja população é constituída pela comunidade escolar e alunos do Ensino Fundamental de 09 anos. A amostra envolveu alunos matriculados nos anos finais do ensino fundamental com faixa etária entre 10 e 14 anos, que se dispuseram a participar da pesquisa; os servidores efetivos e os contratados temporariamente, mediante processo seletivo, que fazem parte do quadro de professores desta instituição de ensino, e a equipe gestora.

Tendo como critério de inclusão, os alunos estarem inseridos em turmas dos anos finais do ensino fundamental; os professores e gestores que atuam nas turmas do 6º ao 9º ano desta modalidade. Como critério de exclusão, alunos e professores da educação infantil e dos anos iniciais, compreendendo que estes não estão envolvidos no problema de pesquisa.

2.2 Os atores sociais

O Centro de Ensino Fundamental Jardim II oferece o Ensino Fundamental de 09 anos nas seguintes modalidades: anos iniciais e educação infantil no turno vespertino e anos finais no matutino, na modalidade regular, totalizando treze turmas, atendendo ao que orienta o currículo da educação básica das escolas públicas do Distrito Federal (DF). Está localizado no Núcleo Rural Jardim, BR 251/ DF 285, região administrativa do Paranoá, Distrito Federal.

A maioria dos estudantes são filhos de pessoas que trabalham em granjas, hortas e fazendas produtoras de cereais, com renda média de até dois salários mínimos. Mas ainda há aqueles cuja renda não ultrapassa meio salário, sobrevivem apenas de benefícios vindos do governo. Residem nas proximidades da escola, e cerca de 30% deles utilizam o transporte escolar. Têm pouco acesso a atividades culturais, exceto as manifestações existentes na comunidade, como Folia de Reis e do Divino e outras festas católicas e evangélicas da comunidade.

Muitos vão à cidade somente uma vez por mês na companhia dos pais para fazer compras. Têm como atividade de lazer a prática de esportes na quadra esportiva da comunidade, duas ou três vezes por semana, e torneios de futsal nos finais de semana. O contato com a leitura se dá quase que exclusivamente na escola, havendo poucas exceções.

O corpo docente em sua maioria reside praticamente na cidade de Formosa, no estado de Goiás. Todos fazem parte do quadro de servidores do magistério do Distrito Federal há mais de oito anos e estão lotados na instituição, em média, há mais de cinco anos, e todos possuem especialização na área de educação, sendo que alguns contam com mais de uma especialização.

2.3 Instrumentos da pesquisa

Um dos instrumentos utilizado para coleta de informações foi um questionário composto de 10 questões objetivas e de múltipla escolha, direcionado ao corpo discente. A opção foi pelo questionário, que caracteriza a abordagem quantitativa, e deve-se ao fato de esse instrumento se aproximar das características daqueles utilizados em pesquisa social, conforme sugerem Marconi e Lakatos (2009).

Outro instrumento adotado foi a entrevista, sendo a primeira com 06 questões abertas (subjativas), destinadas aos professores atuantes em turmas do 6º ao 9º Ano, e a segunda com 04 questões destinadas à equipe gestora.

De acordo com Cavalcante e Dantas (2006), para os dois tipos de instrumentos os objetivos e as abordagens são diferentes e complementares. Em ambos os casos a abordagem foi qualitativa. As entrevistas foram feitas em discussões em grupo, conhecidas também como mesa-redonda; entrevistas em que pode ser feito um pré-agendamento do entrevistado, e sua aplicação é individual.

Na entrevista, geralmente as informações são coletadas por meio de um roteiro sistematizado. As opiniões são gravadas e depois analisadas.

Quando se utiliza a abordagem quantitativa, as informações são colhidas por meio de um questionário padronizado e uniformizado, com perguntas claras e objetivas.

Agregados aos resultados alcançados, as análises foram enriquecidas com o relatório após a observação participativa, realizada com todos os sujeitos envolvidos no referido universo da pesquisa.

2.4 Procedimentos da pesquisa

Durante a realização da presente pesquisa, foram envolvidos os 84 alunos matriculados nos anos finais do ensino fundamental do Centro de Ensino Fundamental Jardim II, com faixa etária entre 10 e 14 anos, os docentes efetivos, os contratados temporariamente e a equipe de gestores.

Praticamente todo o corpo discente envolvido no processo de pesquisa, como já foi mencionado na apresentação do trabalho, mora nas proximidades da escola, e a renda mensal das famílias dos alunos não ultrapassa dois salários mínimos. Não enxergam a educação como um meio de ascensão social, pois fazem parte de uma realidade em que a maioria dos pais não conseguiu concluir sequer os anos iniciais do ensino fundamental.

A maioria dos professores mora no meio urbano; sete na cidade de Formosa-GO e dois residem em comunidades próximas à escola. Todos possuem formação com especialização na área que atuam.

A equipe gestora é composta pelo diretor, vice-diretor e secretária escolar, sendo que o diretor e o vice-diretor residem em Formosa e a secretária escolar no Paranoá, Região Administrativa na qual a instituição está inserida.

O questionamento foi respondido por um grupo de alunos, constituído por um mínimo de 50% dos que constituem o universo dos discentes; os professores e a direção responderam individualmente, todos ao mesmo tempo, tendo no máximo 15 minutos para efetuar suas respostas. Os dados foram coletados em fevereiro e março de 2013, na referida escola, e logo em seguida foi feita a análise desses e tabulação desses dados.

Para que a análise fosse feita foram consideradas as ideias sistematizadas no referencial teórico.

3 ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Coleta dos dados

Através da realização da coleta de dados, percebe-se que quando se trata da prática, ou seja, quando se tem uma visão real dos fatos proporcionada pela oportunidade do contato direto com os atores sociais envolvidos no processo de pesquisa, a construção do trabalho fica mais gratificante, apesar de algum imprevisto que por ventura possa vir a acontecer.

A coleta de dados aconteceu praticamente como havia sido planejada. Professores e gestores responderam às entrevistas de forma individual, onde cada um respondeu às questões separadamente.

Um professor fez questionamentos sobre o conteúdo da entrevista, alegando que estava muito difícil de responder. Ao ser questionado pela pesquisadora sobre qual sentido ele alega dificuldade, ele afirmou que tinha que refletir um pouco antes de responder, mas na verdade percebeu-se que se tratava de falta de interesse em colaborar, mas mesmo assim ele contribuiu. Como a escola está sem professor de Língua Inglesa, não houve participação do professor que atua nessa área.

Em relação aos alunos, estava previsto que respondessem ao questionário em grupos de no máximo quinze alunos; houve uma pequena mudança, e o questionário foi aplicado por turma, pois as turmas são pequenas e ainda procurou-se evitar atrapalhar as aulas, uma vez que este foi aplicado durante as aulas. Apenas um aluno se recusou a participar da pesquisa.

Antes da aplicação dos questionários, houve uma breve apresentação do trabalho. Foi colocado que se tratava de uma pesquisa científica e que os alunos fariam parte dessa pesquisa como voluntários e que seria apresentada à Universidade de Brasília como parte de quesito para a obtenção do certificado do curso de especialização em Coordenação Pedagógica que a pesquisadora estava concluindo.

O 6º ano A foi a primeira turma a responder o questionário. Os alunos ficaram empolgados e se dispuseram a contribuir com a pesquisa; todos se prontificaram em responder às questões. Alguns tiveram dúvidas quanto ao significado de determinadas expressões, mas após uma breve explanação conseguiram se posicionar a respeito dos questionamentos.

Logo em seguida, os alunos do 7º ano A responderam às questões, e quase não tiveram dúvidas. Depois chegou vez do 9º ano, que mostrou interesse em participar e questionou se a opinião deles realmente era importante e se a pesquisa iria contribuir para que houvesse mudanças na escola.

No dia seguinte, o questionário foi aplicado ao 8º ano A, e logo em seguida, ao 8º ano B; nessas duas turmas não houve questionamentos, tudo ocorreu dentro do esperado. A impressão que fica evidente é que os alunos não têm a noção da importância do tema abordado para facilitar a aprendizagem e melhorar o rendimento deles.

Os professores e gestores levaram em média quinze minutos para responder às questões, e praticamente não houve questionamentos ou resistências em relação às questões propostas na pesquisa. Todos demonstraram interesse em colaborar. Houve um questionamento no sentido de esclarecimento e contextualização da questão de número dois. Em relação aos gestores, percebe-se que se sentiram incomodados por estar avaliando o professor, a sua prática pedagógica, mas também, no que se refere à postura deste frente às dificuldades e desmotivação dos alunos.

Na maioria das vezes, os professores sentiram que seu espaço estava sendo invadido, pela própria origem das questões que justamente tinham como objetivo avaliar o interesse dos alunos quanto aos conteúdos trabalhados e à metodologia utilizada. Nas questões subjetivas, percebeu-se que os professores procuraram ser sucintos, demonstrando que estão se propondo a buscar novos caminhos, e alguns ainda demonstram convicção de que estão agindo em prol do desenvolvimento pleno do aluno. Durante a aplicação dos questionários, não houve interrupções, a não ser para esclarecimento de dúvidas. A pesquisadora se manteve imparcial, sem expressar sua opinião ao aplicar o questionário, apesar de atuar na instituição na qual a pesquisa foi realizada.

As dificuldades encontradas na coleta de dados referem-se a pouca ou nenhuma disponibilidade de muitos dos profissionais convidados a participarem da pesquisa.

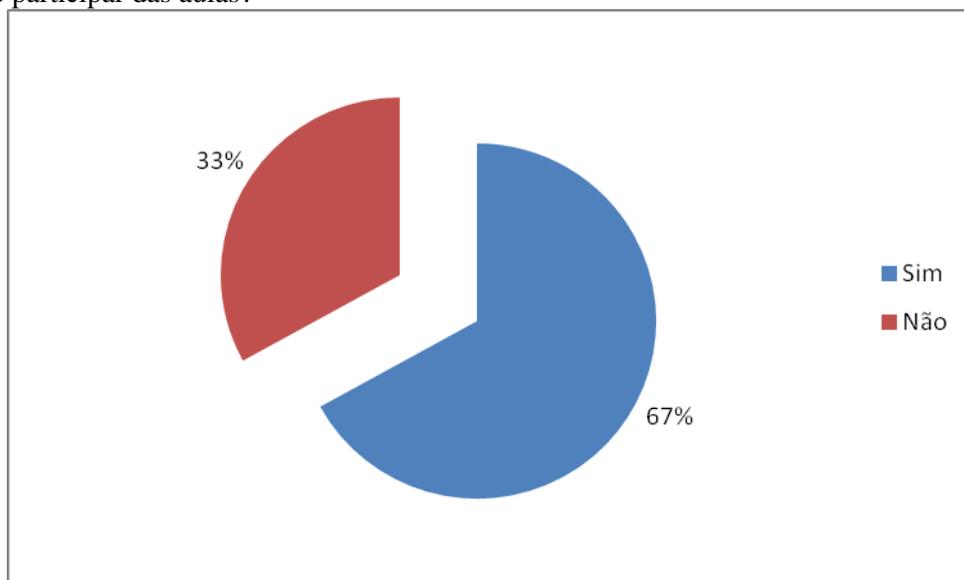
Completados todos os procedimentos, passou-se à etapa seguinte, ou seja, à tabulação dos dados coletados, divididos por segmentos da comunidade escolar envolvidos: gestores, docentes e alunos do 6º ao 9º ano.

Os dados coletados foram tabulados e representados por meio de gráficos relacionando os resultados aos questionamentos. A partir desses resultados, pretendeu-se chegar aos índices de porcentagens e posteriormente estabelecer a relação teoria e prática, analisando os dados a partir da abordagem quanti-qualitativa em relação aos objetivos propostos, buscando respostas ao problema de pesquisa.

3.2 Entrevista com os gestores

A primeira parte da pesquisa foi destinada a entrevista com os gestores. O primeiro questionamento foi se os gestores percebem que existe uma preocupação dos docentes em manter os alunos motivados a aprender e a participar das aulas. De acordo com os gestores, descrito no gráfico 1 abaixo, 67% concordam que sim, e 33% responderam que não, colocando que “de modo geral alguns professores têm essa iniciativa, mas outros não”.

Gráfico 01: Percebe-se que existe uma preocupação dos docentes em manter os alunos motivados a aprender e participar das aulas?



Organização: Ilda Rodrigues, 2013

Considera-se que 33% é um índice alto de professores que não se preocupam em manter os alunos motivados, pois de acordo com a abordagem de Preto (2009), sob a perspectiva da Teoria da Autodeterminação, o ambiente de aprendizagem tanto pode motivar como desmotivar o aluno, o que destaca a importância de o professor oferecer ao aluno um ambiente de aprendizagem estimulante.

Na questão 02 os gestores foram questionados se participam de alguma forma do planejamento de projetos, gincanas ou atividades extraclasse envolvendo professores e alunos. E em caso afirmativo a questão acima, com qual objetivo? Todos os participantes concordam, afirmando que “participam e incentivam o planejamento, dando sugestões ou na confecção de materiais”. Acrescentando que “existem campeonatos intra e extraescolares com o objetivo de interação entre os docentes e discentes e de outras comunidades”. E ainda que “com objetivo de levar os alunos a procurar uma vida futura e a sonhar com uma carreira profissional”.

Se existe uma preocupação de desenvolver projetos sociais ou educacionais, significa que o professor está comprometido em desenvolver ações coletivas que de certa forma promove e incentiva autoconfiança e a autodeterminação se situando no espaço onde a valorização laços afetivos contribuem para uma boa interação professor x aluno, o que certamente constitui um forte elemento motivacional para ambos.

A questão 03 perguntava se o respondente concorda com a questão de que para o professor motivar o aluno ele precisa se sentir estimulado também. Todos os gestores responderam sim. Na justificativa para a opção, a maioria dos gestores deixa claro que “somente uma pessoa motivada pode transmitir para o outro” e, para que possam trabalhar juntos, “um professor motivado, motiva também em suas aulas”.

Bzuneck (2001) agrega valores às questões que envolvem motivação e a relação professor x aluno, quando se refere à importância de que o aluno seja ouvido, solicitado a participar, valorizado em suas ações, esse conjunto de estímulos leva-os a tornar-se construtor de sua autonomia. E cabe ao professor reflexivo promover situações como essas.

Na questão 04 o questionamento foi a cerca das reuniões pedagógicas se priorizam a aprendizagem significativa, levando em conta as necessidades individuais e o interesse dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem. Para essa questão, tivemos dois sim e um ‘às vezes’ como resposta, seguida das seguintes justificativas: “as coordenações procuram formas de levar os estudantes a um resultado positivo” e “na maioria das vezes as necessidades individuais ficam a cargo (na incumbência) do professor regente da turma”.

Como a maioria das respostas demonstra existir a preocupação do grupo em trazer para a discussão questões relacionadas a redimensionar a prática do professor, no sentido de obter melhores resultados, o que colabora com Bzuneck (2001) quando afirma que “em qualquer situação, a motivação do aluno esbarra na motivação de seus professores”. Onde se conclui que somente um professor motivado pode despertar o interesse do seu aluno.

3.3 Entrevista com os Professores

O primeiro questionamento feito aos professores na entrevista foi se ao realizar seu planejamento, procura levar em conta uma proposta inovadora e estratégias que motivam os alunos, e com qual frequência isso ocorre. Como uma das respostas mais significativas pode-se destacar a seguinte participação do professor:

Meu planejamento é feito semanalmente, pois acho importante primeiro sentir como a turma reage diante da aula e atividade, só assim vou dosar. Se a turma concluir o esperado, eu avanço com atividades extras; senão, tento diferenciar o método mas no final do semestre tenho que fazer uma reflexão e, se for preciso, trocar ideias com os colegas.

No conjunto de respostas dos professores, percebe-se uma preocupação em refletir sobre a sua prática, analisando as respostas dos alunos em relação aos objetivos propostos, se estão sendo alcançados ou não, e a partir dessa constatação redimensionar sua prática. A proposta inovadora tanto em relação aos recursos pedagógicos quanto as dinâmicas são elementos motivadores, mas é preciso analisar se os alunos estão tendo uma reação positiva em relação a elas, pois o que pode ser o ideal para o professor e os estudiosos da área pode, dependendo do perfil da turma, não constituir elemento motivacional para o aluno. Nesses casos o contexto do aluno deve ser levado em conta.

Na questão 02 os professores foram questionados se conseguem identificar quais recursos e estratégias que despertam o interesse dos alunos para aprender e ter efetivamente uma boa participação na aula. Todos os participantes responderam que sim e apresentaram algumas estratégias, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1: Opções sobre as estratégias utilizadas

ESTRATÉGIAS	QUANTIDADE
Trabalho em grupo	02
Ambiente agradável e espaço físico adequado	03
Apresentação de trabalhos, seminários e debates	05
Trabalhar com a realidade do aluno	02
Material pedagógico disponível	03
Pesquisas	02
Conteúdos significativos – centro de interesse dos alunos	02

Organização: Ilda Rodrigues, 2013.

De acordo com a tabela o item que teve maior número de opções foi “apresentação de trabalhos, seminários e debates”, o resultado nos leva à compreensão de que se trata de turmas que apresentam algumas características a serem destacadas: comunicativos, pesquisadores, críticos e dinâmicos, pois estas são necessárias para desenvolver esse tipo de atividade com êxito.

Guimarães e Boruchovitch (2004) dão ênfase à questão de o professor incentivar o aluno na construção de sua autonomia e as estratégias relacionadas às opções dos alunos, com

maior número de escolha, estão relacionadas à autonomia necessária para as tomadas de decisões individuais e/ou coletivas.

Na questão 03 foi pedida a opinião aos professores a respeito da necessidade de fazer uma revisão de conteúdos trabalhados, da utilização de novas estratégias e, em caso afirmativo, fazer um breve comentário sobre como esse processo acontece.

À resposta positiva do aluno foi dada a seguinte justificativa “se o método utilizado não está surtindo efeito, é necessário mudar”. Isso mostra a importância que tem do professor ser flexível no seu planejamento, pois a partir da análise percebe-se a necessidade de buscar novos recursos para explicar melhor ou ficar, ele sente que precisa redimensionar sua prática.

Os professores demonstram que têm a noção exata da importância do *feedback* para o aluno, trazer o mesmo conteúdo ou conceito por meio de estratégias e recursos diversificados pode auxiliar o aluno a ampliar seu entendimento e interesse pela aprendizagem.

Preto (2009) conhecendo as variáveis motivacionais e as necessidades psicológicas básicas, propostas pela Teoria da Autodeterminação, cabe ao professor intervir, trazendo para o ambiente de aprendizagem do aluno, tais como novas dinâmicas, recursos e práticas avaliativas.

Em relação à questão 04 que trata da influência de elementos externos ao ambiente escolar na predisposição para o aluno manter-se motivado, todos os participantes responderam que sim.

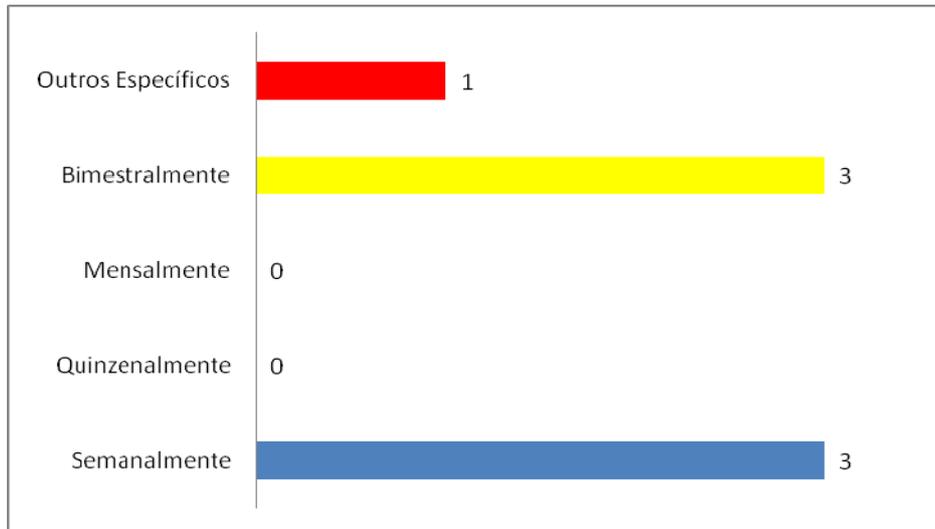
Na questão 05 os professores foram questionados sobre fatores externos e internos à escola que podem contribuir para manter seus alunos motivados a participar das atividades propostas. Nessa questão, os professores deram exemplos de fatores motivadores para seus alunos de acordo com as particularidades das áreas e disciplinas que atuam, mas alguns fatores são comuns a todas as disciplinas e atividades propostas: a) passeios culturais; b) buscar a participação dos pais em eventos; c) uso das tecnologias, d) lazer; e) exposição de trabalhos; f) atividades cênicas; g) jogos e vídeos; h) entusiasmo e comprometimentos de professores.

No que se refere à motivação intrínseca e extrínseca, em ambos os casos elas precisam ser estimuladas e, principalmente no ambiente escolar, cabe ao professor promover situações que favoreçam a prática.

De acordo com Guimarães e Boruchovitch (2004), as interações em sala de aula e na escola como um todo precisam ser fonte de satisfação das necessidades psicológicas básicas para que a motivação intrínseca e as formas autodeterminadas de motivação extrínseca possam ocorrer.

A próxima questão refere-se, a saber, com qual frequência ocorrem dentro da escola os espaços de reflexão e autoavaliação de forma a promoverem debates para as relações de ensino e o processo de ensino-aprendizagem. O resultado é o que gráfico 02 nos mostra.

Gráfico 02: Frequência que acontecem espaços de reflexão e avaliação de ensino e aprendizagem



Organização: Ilda Rodrigues, 2013.

Os resultados mostram situações divergentes e que trazem respostas contraditórias, possuem um senso comum, todos procuram fazer essa reflexão, e têm noção sobre a sua necessidade e a importância para o bom andamento do processo de ensino e de aprendizagem. Alguns colocaram que o fazem semanalmente, outros mensalmente, o importante é que os espaços existem para reflexão e sejam o ponto de partida para as tomadas de decisão, tanto coletiva quanto individual.

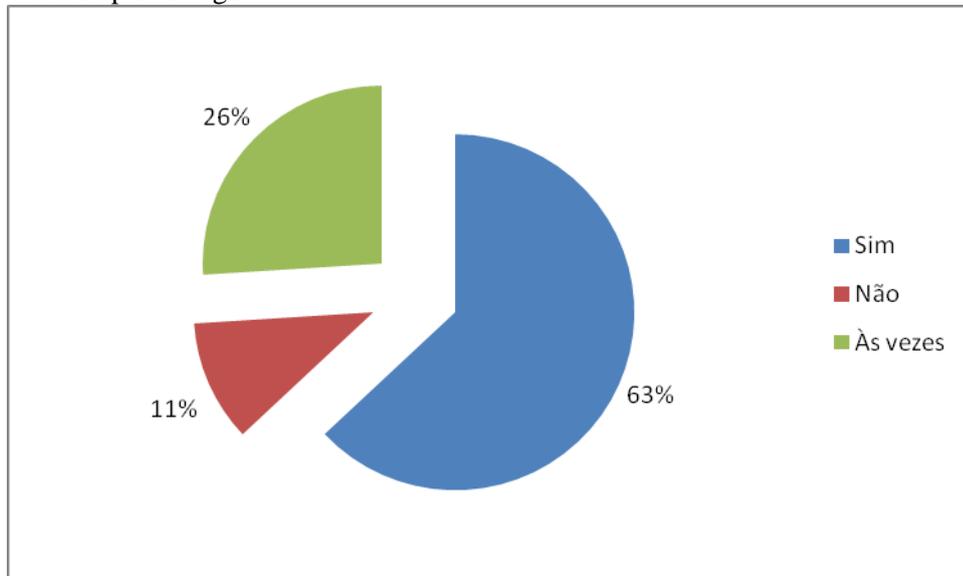
3.4 Questionário aplicado aos alunos

Na questão 01, a proposta foi questionar a opinião do aluno sobre os elementos do ambiente de aprendizagem e a metodologia do professor e, os resultados apresentados na página seguinte no gráfico 03, refletem o entendimento dos alunos sobre a temática do questionamento.

A percepção do aluno sobre a influência da metodologia e do ambiente de aprendizagem é importante para a análise dos elementos motivacionais ou desmotivadores para a aprendizagem. A maioria dos alunos (63%) afirma que tanto os aspectos relacionados

ao ambiente quanto a forma com que o professor desenvolve sua prática pode ou não estimular a aprendizagem e o interesse dos alunos.

Gráfico 03: A forma como a aula é abordada, o professor e o lugar em que você se senta, podem influenciar na sua aprendizagem?



Organização: Ilda Rodrigues, 2013.

Guimarães e Boruchovitch (2004) apontam que as práticas pedagógicas ultrapassadas e arraigadas ao tradicionalismo em nada contribuem para a motivação dos estudantes; pelo contrário, causam a desmotivação dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

O fato de que somente 11% dos alunos afirmaram que a forma como a aula é abordada não interfere na motivação do aluno e que isso não influi na sua aprendizagem, pode ser considerado como um exemplo de que a maioria dos alunos já tem autonomia para avaliar positivamente os fatores que favorecem a aprendizagem.

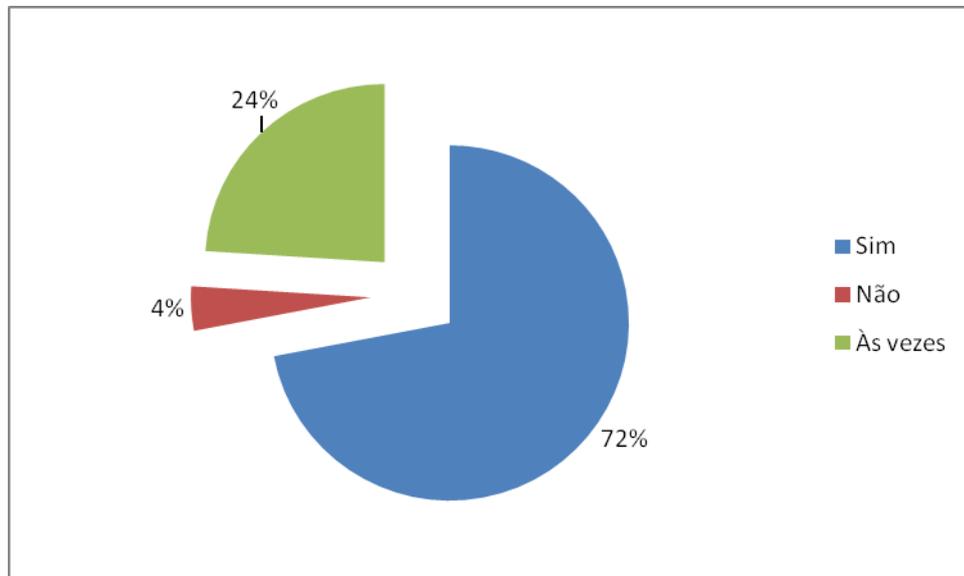
Se a maioria dos alunos concordou, resta então analisar o objetivo da questão 02, que é justamente se a maioria se sente motivada, quais estímulos e se a intensidade é satisfatória.

Os alunos também foram questionados se recebem algum tipo de estímulo por parte dos professores para se sentirem motivados para estudar e aprender, como mostra o gráfico na página seguinte.

Em relação a isso, 72% dos alunos consideram que recebem estímulos do professor para se sentir motivado, e esse é um aspecto muito positivo que retrata aspectos positivos na relação professor x aluno x estímulos para aprender. O alto índice de opções afirmativas

aponta o grau de satisfação dos alunos em relação ao professor, à metodologia e aos recursos utilizados pelo professor.

Gráfico 04: Recebe estímulos do professor para que se sinta motivado a aprender?



Organização: Ilda Rodrigues, 2013.

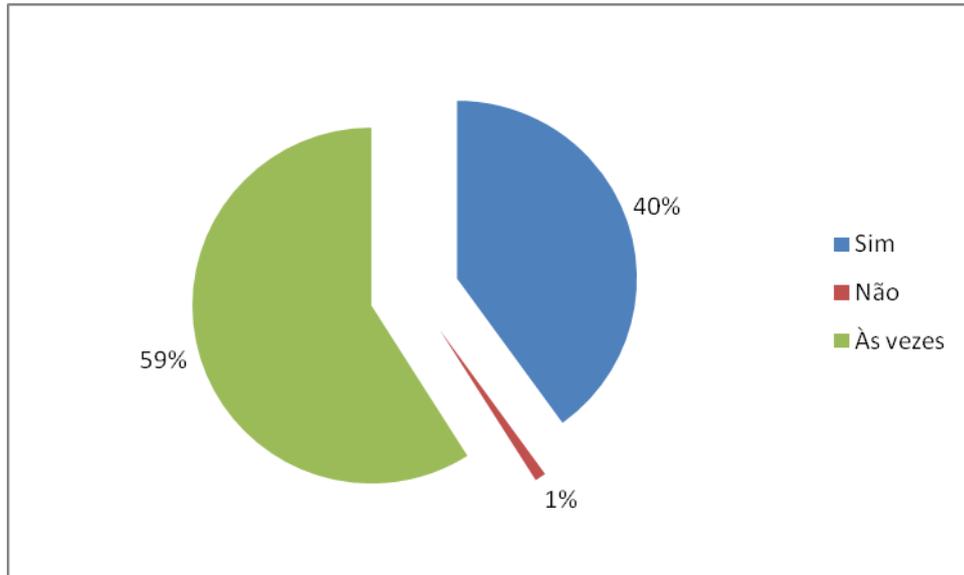
Para Guimarães (2004), a motivação configura-se como uma tendência natural para buscar novidades, desafios, exercitar as próprias capacidades. Isso vai acontecer a partir dos estímulos que o professor explorar, entendendo-se motivação intrínseca como aquela que vem de dentro da pessoa, como parte da sua personalidade, enquanto extrínseca a que pode ser despertada pelo ambiente ou pelas interações que são feitas pelo sujeito.

A questão 03, como mostra o gráfico 5 na página seguinte, teve como objetivo averiguar que considerando a existência de estímulo, então como é a resposta do aluno em sala de aula.

Um dado preocupante no resultado dessa questão está no fato de que 59% dos alunos só se sentem motivados às vezes, embora conte com dados positivos, que são os 40% que se consideram sempre motivados. Essa questão está relacionada com os estímulos recebidos pelo ambiente ou pela interação com o professor ou com o objeto de aprendizagem.

No que vem concordar e agregar valores aos resultados, Guimarães e Boruchovitch (2004), quando tão bem ilustram a questão de que a motivação está relacionada à qualidade da aprendizagem e do desempenho do aluno, sendo que essas tarefas estão associadas ao papel do professor e como ele pode auxiliar o aluno a manter-se motivado em sala de aula.

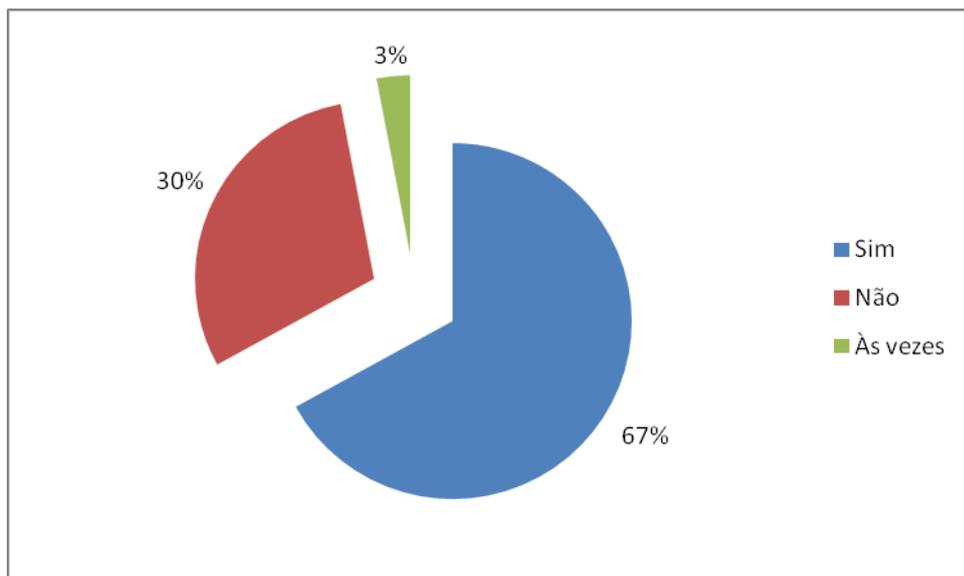
Gráfico 05: Sente-se motivado para participar ativamente das atividades propostas em sala de aula?



Organização: Ilda Rodrigues, 2013.

A questão 04, como apresenta o gráfico 6 abaixo, vem contribuir de forma decisiva para a compreensão dos objetivos da pesquisa. Se esses alunos reconhecem a importância da motivação, se concordam que recebem esse estímulo do professor e do ambiente, então qual é a resposta do aluno nas atividades fora da sala de aula.

Gráfico 06: Participa ativamente das atividades destinadas às tarefas extraclasse?



Organização: Ilda Rodrigues, 2013

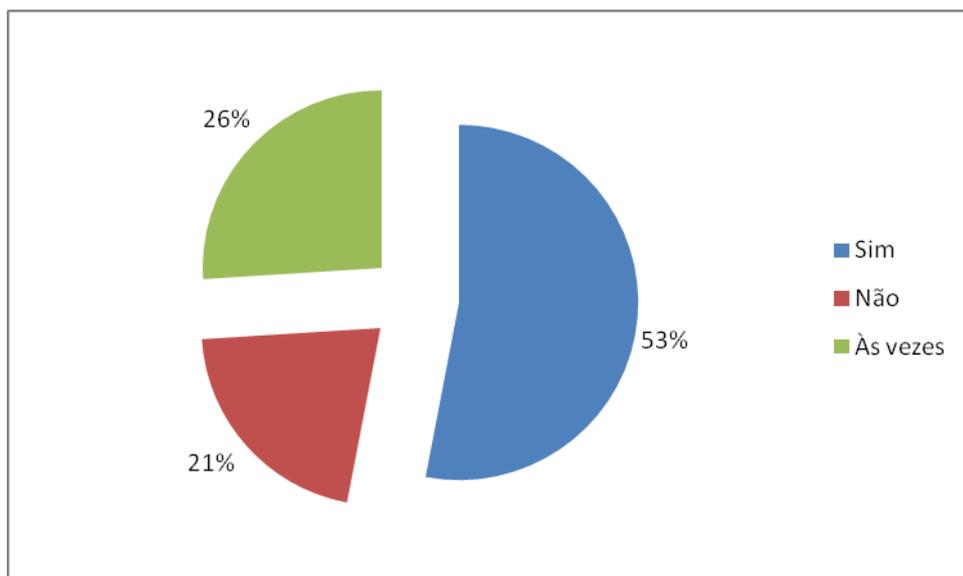
Os resultados mostram que a maioria, ou seja, 67% dos alunos participam ativamente das atividades extraclasse. Aqui se abre um espaço para a discussão: o aluno somente estará motivado para resolver atividades fora do ambiente de aprendizagem se realmente os estímulos que recebe na escola já estiverem incorporados em sua prática cotidiana de aprendizagem dentro e fora dos muros da escola.

Mesmo levando-se em conta a definição de Torre (1999, p. 09 apud KNUPPE, 2006), "a motivação escolar é algo complexo, processual e contextual, mas alguma coisa se pode fazer para que os alunos recuperem ou mantenham seu interesse em aprender", mesmo em espaços diversos da sala de aula. Ou seja, se o estímulo for incorporado, ele permanecerá mesmo fora dos ambientes escolares.

No que se refere aos espaços de aprendizagens não escolares, como são as atividades desenvolvidas fora da escola, ou seja, as atividades de tarefa de casa, há resistência ou falta de interesse em realizar esse tipo de atividade. É preciso avaliar a motivação do aluno para a dedicação aos estudos extraclasse, pois uma das mais importantes ações é a dedicação de um horário de estudos.

Na questão seguinte, de acordo com o gráfico 7 a seguir, os alunos foram questionados se possuem um horário fixo em casa para dedicar-se aos estudos.

Gráfico 07 – Em casa, você tem um horário dedicado aos estudos?



Organização: Ilda Rodrigues, 2013

Um baixo índice de alunos, somente 53%, realmente tem o hábito de horário destinado ao estudo fora da escola. Isso se deve ao fato de que não é só o professor que deve se

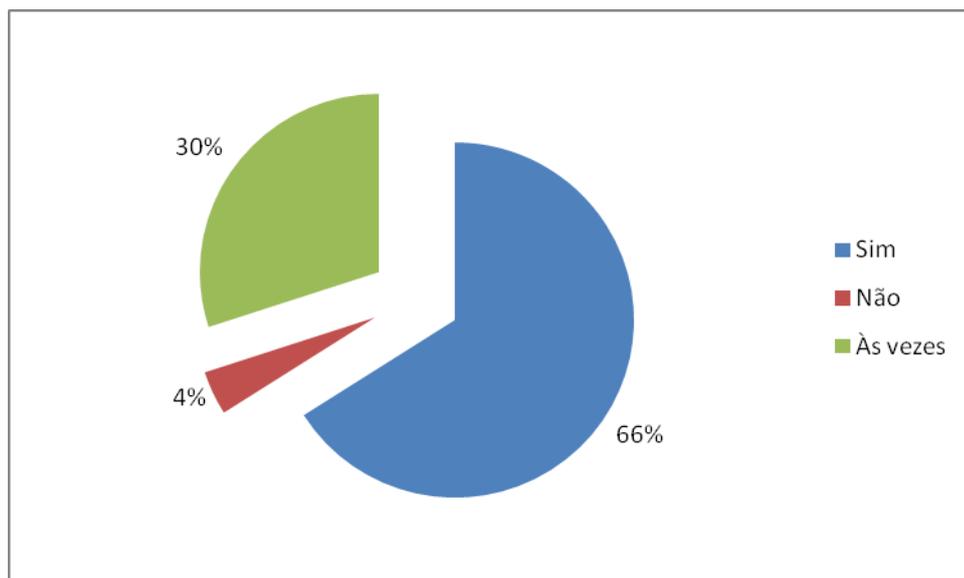
comprometer com a aprendizagem do aluno. Cabe, também, à família incentivar o hábito do estudo.

Preto (2009) esclarece a concepção de autodeterminação ou autonomia faz com que a pessoa que realiza uma atividade por vontade própria, sem ser obrigada por um agente externo, realize-se ao perceber que ela mesma gerou uma mudança esperada, fazendo com que o conhecimento utilizado para comandar estas ações seja aprendido.

As atividades desenvolvidas sem o acompanhamento do professor, de forma responsável e correta, pode ser indicativo de que o aluno foi devidamente estimulado na escola e pelo professor.

É importante levar em conta que o professor deve estimular o aluno a pesquisar, buscar respostas para desafios propostos, como forma de feedback ou reforço da aprendizagem, conforme a questão 06 investiga e está representada no gráfico 08 a seguir.

Gráfico 08: Os professores estimulam a pesquisa e a busca por respostas aos desafios e às atividades apresentadas na sala de aula?



Organização: Ilda Rodrigues, 2013

Na avaliação dos alunos, somente 66% deles se sentem estimulados pelos professores à pesquisa e a dar continuidade da aprendizagem fora da escola. Sabemos que esse tipo de atividade é de extrema importância, pois contribui para o desenvolvimento da autonomia dos alunos.

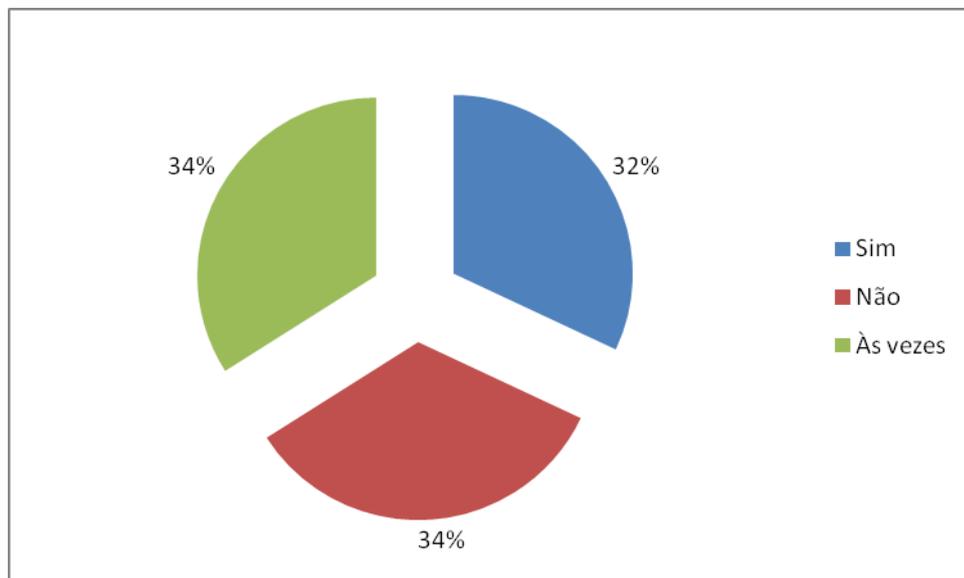
Um dos objetivos da escola é contribuir para que o aluno construa sua própria autonomia e para isso um dos aspectos a serem observados é a cultura da importância de que o aluno deve buscar de forma autônoma ampliar constantemente seu conhecimento, sua

leitura de mundo e a formação de hábitos positivos que contribuam para o seu pleno desenvolvimento.

Para comprovar, Preto (2009) destaca a importância de que quando o professor é capaz de despertar esse sentimento de autonomia em seus alunos, ele conseguirá obter melhores resultados no processo ensino e aprendizagem.

Um importante aspecto a ser ventilado na discussão é a questão da desmotivação dos alunos para participar das aulas e para aprender. Muito se discute sobre essa questão envolvendo a visão de autores, ou da percepção do professor – o gráfico 09 apresenta essa questão segundo a visão do aluno.

Gráfico 09: Já se sentiu desmotivado para participar das aulas e aprender?



Organização: Ilda Rodrigues, 2013

Os dados apresentam que somente 32% dos alunos concordam que sempre se sentem desmotivados, e 34% se sentem desmotivados somente às vezes, para participar das aulas ou para aprender os conteúdos e conceitos trabalhados nos ambientes de aprendizagens, tanto escolares ou não. Isso perfaz um total de 66%, o que significa que os professores não estão conseguindo motivar mais da metade da turma. Isso pode ser considerado um resultado preocupante tanto para a escola quanto para a família, pois aluno desmotivado não consegue ter um bom rendimento.

No que se refere à questão da desmotivação, Knuppe (2006) destaca que são muitos os problemas causados pela desmotivação, no entanto acredita que não exista uma receita mágica para fazer as aulas serem o foco de atenção das crianças. Porém, afirma que o professor pode

reverter essa situação sendo sensível, inovador, estabelecendo um bom relacionamento com os alunos, investindo em ambientes de aprendizagens estimuladores, dentre outras ações dentro da sua prática pedagógica.

A próxima questão complementa a questão anterior perguntando o por quê. Para ilustrar foram selecionadas algumas respostas dos alunos na íntegra: “Não quero responder”, “Prefiro não justificar minhas respostas”, “Não, porque quero melhor opção de vida, de trabalho e um bom caminho”, “Porque tem dias que estou com preguiça”, “Porque muitas vezes eu não entendo e não consigo seguir junto com todos os alunos”.

Na fala dos alunos, percebem-se algumas nuances que nos remetem aos problemas geradores da desmotivação, enquanto alguns se referem à desmotivação gerada pela sua falta de interesse, outros se referem às questões relacionadas aos professores, metodologia e recursos, ou ainda, apresentam uma resistência tão forte que sequer dá alguma explicação plausível.

Percebe-se um descrédito, especialmente nas respostas de alguns alunos dos anos finais do ensino fundamental, como se eles não vissem aspectos positivos na aplicação dos resultados da pesquisa, que de certa forma banalizaram a ação.

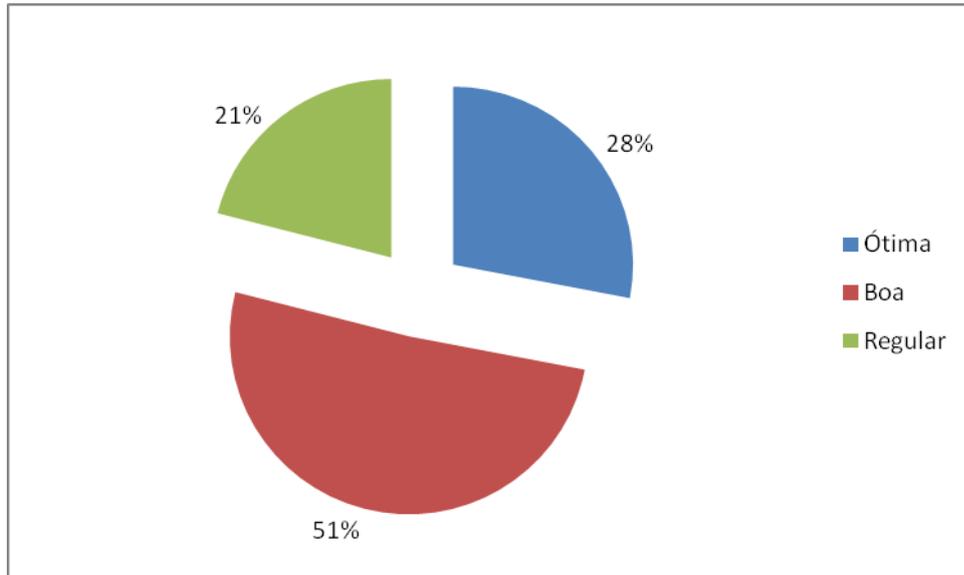
Em relação ao posicionamento dos alunos, no que se refere ao que eles acreditam que poderia ser melhorado nas aulas, muitos questionários ficaram sem resposta nesse item, o que nos deixa uma brecha para crer que há descontentamento de alguns alunos na relação professor x aluno. Mas, de uma forma geral, os alunos não se referem a questões específicas, ou seja, falando diretamente sobre metodologia ou recursos, a desmotivação indica falta de estímulos no ambiente de aprendizagem.

Para confrontar a fala dos alunos sobre os ambientes de aprendizagem com a autoavaliação que eles fazem de si mesmo, foi elaborada a questão, cujos resultados estão representados no gráfico 10 na página seguinte.

A ação avaliativa, a autoavaliação principalmente, requer uma maturidade que na maioria das vezes os jovens e adolescentes não têm para avaliar comportamento e situações de forma imparcial.

Na avaliação dos alunos, 28% consideram sua participação nas aulas como ótima, 51% como boa e somente 21% como regular. Esse resultado pode ser considerado normal, pois metade da turma considera ter uma boa participação nas aulas, o que pode ser um indicativo de que o que falta para que eles se sintam mais estimulados seja, justamente, a motivação do ambiente de aprendizagem.

Gráfico 10: Como você avalia a sua participação nas aulas?



Organização: Ilda Rodrigues, 2013

A pesquisa nos mostrou que, de certa forma, mesmo tendo a plena consciência da importância da motivação para um rendimento satisfatório dos alunos, buscando e valorizando esse fator. Os professores dos anos finais do Centro de Ensino Fundamental Jardim II não conseguem manter seus alunos motivados o suficiente para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça integralmente e haja superação máxima das dificuldades rumo à construção de uma educação de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos traçados ao iniciar esse estudo, nos quais se fundamenta esse trabalho de final de curso, tiveram como proposta avaliar a percepção dos segmentos gestores, professores e alunos sobre os estímulos e conseqüentemente a motivação ou não para a aprendizagem do aluno.

A literatura sobre a motivação no contexto escolar constituiu o suporte teórico para esse estudo, cujo interesse foi buscar subsídios para a análise da realidade pesquisada. Posteriormente a pesquisa de campo envolvendo gestores, professores e alunos, teve como objetivo buscar resposta para a problemática proposta no início deste trabalho. Para atingir os resultados esperados, ou seja, ter uma dimensão mais ampla sobre a problemática foi feita a opção por analisar não só a visão do professor ou do aluno, mas também a visão dos gestores sobre a forma como a motivação é explorada em prol aprendizagem do aluno.

A literatura tem destacado os resultados positivos para aprendizagem e desempenho dos alunos decorrentes da orientação motivacional intrínseca. Segundo as concepções de autores renomados na área, de acordo com a Teoria da Autodeterminação, é essencial a satisfação das necessidades psicológicas básicas de autonomia, a competência, e o vínculo.

Nesse aspecto, fica evidente o estilo motivacional do professor. Cabe destacar que aqui se encontram questões relacionadas à metodologia, recursos utilizados, que são elementos motivacionais que refletem nos resultados ligados diretamente na educação pelo impacto positivo que exerce no desenvolvimento motivacional dos estudantes.

Portanto, a aprendizagem do aluno só acontecerá mediante estímulos que ele recebe da interação com o objeto de estudo, com a compreensão do significado dessa aquisição para si ou para as interações que fizer, e dos estímulos que tiver para que o processo de aquisição aconteça. Portanto, conclui-se que os indivíduos estão sujeitos às influências internas e externas, o que interfere na motivação de cada um.

Na visão dos gestores, a maioria dos professores tem preocupação/cuidado em manter os alunos motivados e podem afirmar isso tendo em vista que participam de reuniões e projetos, envolvendo professores e alunos com objetivo de acompanhar de perto a forma como os professores estimulam e valorizam a participação dos alunos como sujeitos da aprendizagem.

No que se refere aos professores, percebe-se que existe uma preocupação que pode ser identificada desde o planejamento, trazendo para a sua prática propostas inovadoras. Isso, levando-se em conta que o professor afirma que consegue identificar quais os recursos e

estratégias que despertam o interesse dos seus alunos, mesmo tendo consciência da importância de trabalhar com base na Teoria da Autodeterminação, reconhece fatores externos que podem influenciar na predisposição do aluno para sentir-se motivado.

Baseado nas conclusões acima, encontra-se um ponto significativo de divergência, sobre os quais o professor precisa refletir: refere-se à frequência em que necessita de abrir um espaço e tempo para analisar o rendimento do aluno, e sobre a sua prática, tendo em vista que os resultados apontam os encontros semanais e bimestrais como os preferidos pelos professores.

A partir da análise da percepção dos alunos sobre a motivação, estímulos motivacionais, fatores que impedem ou aumentam essa predisposição para aprender, tanto ela pode ser intrínseca ou extrínseca; pode-se concluir que aquilo que motiva algum aluno não necessariamente motiva o restante da turma, e enquanto alguns mostram a desmotivação relacionada ao ambiente de aprendizagem, outros mostram que o foco está na relação professor x aluno.

A revisão da literatura sobre a motivação no contexto escolar constituiu o suporte teórico para esse estudo, cujo interesse foi buscar subsídios para a análise da realidade pesquisada, buscar resposta para a problemática proposta no início da pesquisa. Estabelecendo essa relação entre o referencial teórico e que foi identificado na pesquisa de campo, pode-se concluir que fica inviável apontar um único fator. Mas antes nos levar à compreensão de que é preciso refletir sobre a nossa prática e os recursos utilizados, a necessidade de redimensionar, fazer e refazer uma leitura do ambiente e da qualidade dos estímulos motivacionais que estamos passando aos nossos alunos.

REFERÊNCIAS

BZUNECK, José Aloyseo. *Motivar seus alunos: sempre um desafio possível*. Disponível em <http://www.unopar.br/2jepe/motivacao.pdf>. Acesso em 21 set 2012.

BZUNECK, José Aloyseo. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BORUCHOVIT, Evely; BZUNECK, José Aloyseo (orgs). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2001.

CAVALCANTE, Vanessa. DANTAS, Marcelo. *Conceito de Pesquisa qualitativa Pesquisa Qualitativa*. Trabalho apresentado à disciplina de Métodos e Técnicas Pesquisas do Curso de Biblioteconomia da UFPE, 2006, p.02. Disponível em: <http://pt.scibad.com/doc/14344653/Pesquisa-qualitativa-e-quantitativa>.> Acessado em: 20 dez. 2012.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. In: BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, Aloyseo (Org.) *A motivação do aluno*. Contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2004.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini.; BORUCHOVITCH, Evely. O Estilo Motivacional do Professor e a Motivação Intrínseca dos estudantes: Uma Perspectiva da Teoria da Autodeterminação. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Londrina, RS, v. 17, n. 2, p. 143-150, 2004.

KNÜPPE, Luciane. Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do Ensino Fundamental. *Educação em revista*, Curitiba, n.27, p. 277-290, Jan./Jun 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria *Fundamentos de Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

PRETO, Patricia Selvatici. *Motivação de estudantes no ensino fundamental*. 2009. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2009. Disponível em: <http://www.ucb.br/sites/100/103/TCC/22005/IsabelCristinadeMeloGPorto.pdf>.18/09/12 acesso em: 17 Set. 2012.

RUIZ, Valdete Maria. A efetividade de recompensas externas sobre a motivação do aluno. *EDUC@ção - Rev. Ped., Espírito Santo do Pinhal, SP*, v. 01, n.02, jan./dez. 2004. Disponível:<<http://www.unipinhal.edu.br/ojs/educacao/include/getdoc>. Acesso em 22 Nov. 2012.

SCHÜTZ, Ricardo. *Motivação e Desmotivação no Aprendizado de Línguas*. 2003. Disponível: <<http://www.sk.com.br/sk-motiv.html>>. Acesso em 03 Jan. 2013.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <www.posarq.ufsc.br/download/metPesq.pdf>. Acesso em: 20 Dez.2012

VERGARA, Silva Constant. *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. 3. ed. São Paulo, Atlas, 2005

APÊNDICE A – ENTREVISTA/GESTORES

Senhores (as) Gestores(as):

Solicito sua valiosa contribuição para a pesquisa respondendo às questões a seguir, cujo objetivo é analisar a percepção dos atores sociais sobre a importância da motivação no processo de ensino e aprendizagem no Centro de Ensino Fundamental Jardim II.

Desde já agradeço.

1) Percebe que existe uma preocupação dos docentes em manter os alunos motivados a aprender e participar das aulas?

2) Participa de alguma forma do planejamento de projetos, gincanas ou atividades extraclasse envolvendo professores e alunos? Com qual objetivo?

3) Concorda com a questão de que para o professor motivar o aluno ele precisa se sentir estimulado também?

Por quê?

4) As reuniões pedagógicas priorizam a aprendizagem significativa, levando em conta as necessidades individuais, e o interesse dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem?

APÊNDICE B – ENTREVISTA/PROFESSORES

Senhores(as) Professores(as):

Solicito a sua valiosa contribuição para a pesquisa, respondendo às questões a seguir, cujo objetivo é analisar a percepção dos atores sociais sobre a importância da motivação no processo de ensino e aprendizagem no Centro de Ensino Fundamental Jardim II.

Desde já agradeço.

1) Ao realizar seu planejamento, procura levar em conta uma proposta inovadora e estratégias que motivam os alunos? Com qual frequência?

2) Consegue identificar quais recursos e estratégias que despertam o interesse dos alunos para aprender e ter efetivamente uma boa participação na aula?

Sim

Não

Enumere-os:

3) Quando há necessidade de fazer uma revisão de conteúdos trabalhados, você utiliza novas estratégias? Faça um breve comentário como esse processo acontece.

4) Acredita que elementos fora do ambiente escolar podem influenciar na predisposição para o aluno manter-se motivado?

Sim Não Às vezes

5) Em sua opinião, que fatores externos e internos à escola podem contribuir para manter seus alunos motivados a participar das atividades propostas?

6) Na escola em que você atua, os momentos e espaços para reflexão, auto avaliação e promoção de debates como forma de avaliar as relações de ensino, aprendizagem e interação dos estudantes acontecem com qual frequência?

- Semanalmente
- Quinzenalmente
- Mensalmente
- Bimestralmente
- Outros.

Especificar: _____

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO/ALUNOS

Caros (as) alunos (as):

Esta pesquisa trata sobre **A Importância da Motivação dos atores no Processo de Ensino e Aprendizagem no Centro de Ensino Fundamental Jardim II.**

Desde já agradeço sua valiosa contribuição.

1) A forma como a aula é abordada, o professor e o lugar em que você se senta podem influenciar na sua aprendizagem?

Sim Não Às vezes

2) Recebe estímulos do professor para que se sinta motivado a aprender?

Sim Não Às vezes

3) Sente-se motivado para participar ativamente das atividades propostas em sala de aula?

Sim Não Às vezes

4) Participa ativamente das atividades destinadas às tarefas extraclasse?

Sim Não Às vezes

5) Em casa, você tem um horário dedicado aos estudos?

Sim Não Às vezes

6) Os professores estimulam a pesquisa e a busca por respostas aos desafios e as atividades apresentadas na sala de aula?

Sim Não Às vezes

7) Já se sentiu desmotivado para participar das aulas e aprender?

Sim Não Às vezes

8) Por quê?

9) Para você o que poderia melhorar as aulas de forma geral?

10) Como você avalia a sua participação nas aulas?

Ótima Boa Regular